

A disputa que opõe antigos e modernos tem início no século 6. Entretanto, a duração deste embate é imprecisa. A contenda – denominada posteriormente *querela* – irradia-se temporal e geograficamente. Sua ocorrência é perceptível, inclusive, no contexto intelectual brasileiro.

Encontramo-nos no século 19, momento de transformações significativas. No campo historiográfico almeja-se escrever a história nacional. A fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, evidencia esta mudança na forma de se pensar a história. No entanto, esta modificação é acompanhada por receio e insegurança.

É justamente nestes momentos, pois, que modelos já estabelecidos, tal como antigos e modernos, tornam-se referências importantes. Os “depoimentos” de uns e outros possibilitam a garantia de uma travessia mais segura. Mas *como* estes modelos são utilizados? Eis a questão que norteia este estudo.

Busco respondê-la a partir da principal obra de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), a *Historia geral do Brazil*. Para isso, efetuo um mapeamento das fontes e referências utilizadas pelo historiador na constituição do texto. Determinar a recorrência de antigos e modernos possibilita avaliar a importância destes modelos na escrita de seu trabalho historiográfico. Afinal, os modelos permitem endossar argumentos e comprovar interpretações.

Duas questões importantes, neste sentido, referem-se à relação entre o uso dos modelos e seus contatos com a *autoridade* e com a *temporalidade*. Constatei, enfim, que na querela interna ao texto, os modernos sobejam enquanto os antigos fornecem exemplos à história.